

Práticas de apreciação musical nas classes hospitalares e domiciliares da Rede Municipal de Ensino de Salvador-Bahia

Rita de Cássia Silva Cardoso

Rede Municipal de Ensino de Salvador
cassicas@gmail.com

Eudes Oliveira Cunha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)
Rede Municipal de Ensino de Salvador
eudesocunha@gmail.com

Resumo: O artigo tem o objetivo de compreender como ocorrem as práticas de apreciação musical desenvolvidas por professores de música que atuam nas classes hospitalares e domiciliares da Rede Municipal de Ensino de Salvador, Bahia. A pesquisa de abordagem qualitativa permitiu compreender as experiências desses docentes à luz da literatura que aborda esta área da educação musical inclusiva. Os resultados demonstraram que os professores que atuam nessa modalidade educacional compreendem a apreciação musical como uma atividade relevante e até mesmo determinante para a condução dos processos de ensino e aprendizagem. Em razão dos processos de adoecimento, que envolvem, muitas vezes, limitações de movimentos corporais, as práticas de apreciação musical se configuram como uma dimensão dos processos de ensino que possibilita a apropriação de conhecimentos musicais aos quais os estudantes têm direito definido na legislação brasileira.

Palavras-chave: ensino de música, apreciação musical, educação inclusiva.

Introdução

A apreciação musical tem sido apontada por pesquisadores e educadores musicais como uma importante atividade de mediação para a aprendizagem em música (BASTIÃO, 2015). Trata-se de uma dimensão da educação musical que visa o desenvolvimento de uma escuta consciente e sensível em música.

Na Rede Municipal de Ensino de Salvador, os documentos orientadores do currículo escolar apontam as atividades de apreciação musical como relevantes para os processos de ensino de música, o que torna esta dimensão das práticas em educação musical passível de compreensão na referida rede de educação. Ademais, no contexto das classes hospitalares e domiciliares, os professores de música têm desenvolvido atividades de apreciação e, nesse

sentido, surgiu o interesse em saber como se dão estes processos de ensino nesta modalidade educacional, a qual se insere na perspectiva da educação inclusiva.

De acordo com Bastião (2015, p. 30), a apreciação musical se caracteriza como um processo ativo de audição. Apreciar não significa simplesmente ouvir, mas, ouvir com atenção, com compreensão, com senso crítico e estético. Esta dimensão do ensino em música é amplamente discutida por Swanwick (2002) e compõe um dos pilares do modelo (T)EC(L)A, que diz respeito a aprendizagem nas dimensões: Técnica, Execução, Composição, Literatura e Apreciação. Este autor propõe que haja três atividades principais no processo de ensino de música: Composição (C), Apreciação (A) e Execução (E). Essas três atividades deverão ter o suporte das outras duas: Literatura - História da Música (L) e Habilidades Técnicas (T).

A partir de estudos sobre educação musical, França e Swanwick (2002 p. 13-14) afirmam que a apreciação e representa uma possibilidade de aprendizagem própria da área de música e imprescindível para os processos de ensino. Nesse sentido, é por meio das atividades de apreciação que se pode expandir os conhecimentos sobre música e propiciar experiências estéticas determinantes para a expansão das preferências musicais. Além disso, esta é uma atividade de fácil acesso e que a maioria das pessoas poderão vivenciar ao longo da vida. É, também, umas das formas de apropriação da produção musical que emerge das mais diversas culturas, pois, por mais que o músico ou professor de música tenha conhecimentos de execução sobre um vasto repertório, este será sempre limitado em razão das múltiplas possibilidades de composições existentes no mundo. Assim, a apreciação representa uma atividade que pode propiciar conhecimentos sobre as mais variadas formas de expressão por meio da música.

Nos últimos anos, com a Lei 11.769/2008, e com a atual a atual legislação educacional que determina a música como uma das linguagens obrigatórios nas escolas de Educação Básica – Lei 13.278/2016 -, alguns desafios relacionados à implementação da educação musical surgiram nos mais diversos espaços educativos. No contexto hospitalar e domiciliar, estes desafios ficaram mais evidentes devido as limitações dos alunos, por se tratar de crianças em processo de adoecimento, que muitas vezes se encontram em leitos de hospitais ou em casas de apoio, casas lar e residências. Além disso, este é um campo de atuação do professor de música relativamente novo, se considerar que são restritas as

experiências de ensino de música, nessa modalidade educacional, vinculadas a redes municipais de educação (CUNHA; CARMO, 2010; 2015).

Nesse contexto de experiência profissional, os professores de música das classes hospitalares e domiciliares percorrem caminhos para descobrirem novas práticas pedagógicas. As diferentes enfermidades constroem a diversidade das limitações dos alunos e a cada dia surge um desafio diferente nesse ambiente. Um desses desafios emerge da busca por adaptação de recursos pedagógicos de acordo com o ambiente e as condições de saúde dos alunos e, nesse sentido, a apreciação musical se configura como uma atividade relevante e em muitos casos determinante para a condução dos processos de ensino e aprendizagem no contexto hospitalar e domiciliar.

Assim, neste artigo, convida-se o leitor a compreender como ocorrem as práticas de apreciação musical desenvolvidas por professores de música no contexto hospitalar da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Para isso, (a) descreve-se as concepções teóricas acerca da apreciação musical a partir de parte da literatura da área de educação musical e (b) analisa-se as concepções e práticas de apreciação musical dos professores de música com alunos-pacientes no contexto hospitalar e domiciliar.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista realizada com dois professores de música que atuam no contexto das classes hospitalares e domiciliares da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Além disso, foram observadas aulas de música destes dois profissionais, no intuito de compreender as suas práticas à luz da literatura que discorre sobre esta área.

A seguir, são discutidas as concepções de classe hospitalar no contexto brasileiro, considerando aspectos conceituais e legais. São abordados, ainda, conceitos sobre apreciação musical, relacionando-os a prática do professor de música no ambiente hospitalar. Por fim, serão apresentados e analisados os dados da pesquisa, seguidos das considerações finais.

Classe hospitalar e domiciliar

Classe hospitalar e domiciliar é uma modalidade educacional que visa proporcionar a escolarização de crianças, adolescentes e adultos que se encontram internados em

hospitais ou vivenciam espaços domiciliares em razão do adoecimento. Busca-se, com a oferta de educação em contexto hospitalar e domiciliar, assegurar o direito a educação desses alunos, de acordo com a Constituição Federal brasileira, em seu Artigo 205, que define a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, 1988).

Tem-se o registro de que a prática pedagógica em hospitais e domicílios teve seu início na França, em 1935, quando Henri Saller inaugurou a primeira escola para crianças inadaptaáveis em escolar regular. A partir desse período, outros países da Europa, e Estados Unidos, adotaram a ideia com o intuito de atender o grande número de crianças com tuberculose. Todavia, foi na Segunda Guerra Mundial, devido o grande aumento de escolas em hospitais para atender a crianças mutiladas, que essa prática se estabelece como uma modalidade do campo da educação (OHARA; BORBA; CARNEIRO, 2008, p. 93-94).

No Brasil, tem-se o registro de que a primeira escola em hospital foi inaugurada em 1950, no Rio de Janeiro. Do ponto de vista legal, com a publicação da Política Nacional de Educação Especial, lançada pelo Ministério da Educação, em 1994, há o reconhecimento da classe hospitalar como direito de crianças e adolescentes hospitalizados (OHARA, BORBA e CARNEIRO, 2008, p. 94).

A resolução 41/1995, que trata especificamente dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados, no seu artigo 9, enfatiza que toda criança tem “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar, durante sua permanência hospitalar”. (BRASIL, 1995). Mais recentemente, verifica-se no regramento para a implementação dessa modalidade educacional, que

[...] o funcionamento das Classes Hospitalares e Domiciliares acontecem a partir de uma parceria entre o Sistema de Educação e o Sistema de Saúde, onde [...] compete às Secretarias de Educação, atender à solicitação dos hospitais para o serviço de atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar, a contratação e capacitação dos professores, a provisão de recursos financeiros e materiais para os referidos atendimentos (BRASIL, 2002).

O público-alvo dos profissionais que atuam em classes hospitalares e domiciliares é diversificado. Os alunos apresentam doenças e idades variadas e isso demanda que o professor considere diversas possibilidades, levando em conta o espaço físico, que pode ser em uma sala específica, com recursos e materiais pedagógico e mobiliário adaptados para a

escola ou em leitos, e a limitação física de cada criança de acordo com a orientação médica. Sendo assim, é importante que professor organize o tempo de suas aulas com fins de que se atenda às especificidades de cada aluno em termos de saúde e nível de escolaridade.

Vale salientar que existem muitas interferências durante as aulas em um ambiente hospitalar: a circulação dos profissionais de saúde, a presença do acompanhante, visitas de parentes e amigos, dentre outros. O professor, nesse contexto, deve observar o que acontece ao seu redor para elaborar e colocar em prática as suas estratégias de trabalho, trazendo para os seus alunos, que se encontram em processo de adoecimento, novos desafios que o façam se sentir estimulado com a presença da escola.

Apesar de ser regulamentada pelo MEC, tendo um regramento que define normas para o funcionamento das classes hospitalares e domiciliares, é possível afirmar - a partir da nossa vivência como profissionais que atuam nessa modalidade educacional -, que esta área da educação inclusiva ainda é pouco conhecida. Além disso, no caso da Rede Municipal de Ensino de Salvador, o número de escolas em hospitais e domicílios ainda é insuficiente para a oferta de educação em razão da demanda de alunos em situação de internamento.

Vale salientar, ainda, que a literatura educacional, que aborda as classes hospitalares, tem apontado a relevância desta modalidade de educação para os processos de aprendizagem de alunos hospitalizados, bem como para a melhoria do quadro clínico. Sobre este aspecto, Fonseca (2015 P.18) afirma que o atendimento escolar no ambiente hospitalar ajuda na recuperação da saúde e reduz os dias de internação das crianças, além de ser muito importante para o aprimoramento da prática pedagógica do professor, que constantemente precisa buscar alternativas para que o trabalho aconteça e seja proveitoso para todos.

Diante deste cenário que define normas para o funcionamento das classes hospitalares e domiciliares no contexto da educação básica brasileira, a Rede Municipal de Salvador vem empreendendo esforços para a implementação desta modalidade educacional. Vale destacar que desde 2001 é desenvolvido o trabalho pedagógico em ambientes hospitalares e domiciliares no referido município, por meio da atuação de professores e coordenadores pedagógicos. A partir de 2008, professores licenciados em música foram inseridos no quadro de docentes que atuam no programa de classe hospitalar e domiciliar

(CUNHA; CARMO, 2010), iniciando um trabalho de maneira mais sistematizada, até então não desenvolvido nesta rede de ensino.

Em 2015, no município de Salvador, a classe hospitalar e domiciliar foi reorganizada do ponto de vista administrativo, em face da criação da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce. Esse atual modelo de gestão substituiu o programa de programa de classe hospitalar gerido pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Salvador, o que proporcionou maiores níveis de autonomia administrativa à essa instituição de ensino. Com esse novo formato, pode-se constituir Conselho Escolar, com maiores estímulos a participação em processos decisórias e a autonomia financeira essa escola que coordena as classes localizadas em cada hospital, domicílios residências, casas de apoio e casas lar, na capital baiana.

Nesse sentido, a experiência do município de Salvador, a qual integra em seu quadro de docentes quatro professores de música, torna-se uma realidade educacional passível de análise, o demonstra a relevância desse *locus* de estudo para o desenvolvimento e reflexão sobre esta temática apresentada.

Apreciação Musical

A apreciação está entre os principais processos fundamentais da educação musical, compreendida como fenômeno e experiência, porque possibilita o engajamento com a música através do ouvir, de uma experiência orgânica e acessível. A apreciação Musical é o ato de ouvir de modo atento e reflexivo, que possibilita ao aluno identificar os diversos elementos na música, caracterizando essa atividade como uma das mais importantes para o desenvolvimento de habilidades musicais.

França e Swanwick (2002, p. 12) salientam que o fato da música ser um fenômeno sonoro, a maneira essencial para abordá-la se dá por meio do ouvir. Nesse sentido, a prática da escuta dos fenômenos sonoros pode ser considerada a razão central para a existência da música e por isso se configura como uma dimensão central para a condução dos processos de ensino e aprendizagem no campo da educação musical. Nessa perspectiva, sendo a apreciação uma das atividades mais importantes do ensino da música, a sua prática no

contexto das classes hospitalares e domiciliares pode adquirir expressões particulares dada as especificidades dessa modalidade educacional.

De acordo com Swanwick (1979, p. 43), a apreciação “é a primeira na lista de prioridades da atividade musical”. Ela pode acontecer em qualquer local onde paramos para escutar música, seja na rua, no computador, na TV, na Rádio ou em shows, e a sua prática é muito importante para que o ouvinte desenvolva um senso crítico em relação a sua escuta, uma bagagem que ele levará para a sua vida.

O Dicionário de Música Harvard faz a seguinte explicitação sobre o verbete Apreciação Musical:

Um tipo de treinamento musical planejado para desenvolver a habilidade para ouvir música inteligentemente. Esse tipo de educação musical é muito comum nos Estados Unidos e Inglaterra, mas praticamente desconhecido na Alemanha e França. Cursos em apreciação musical têm sido criticados como superficiais, mas como todos os cursos acadêmicos, eles podem ser bem ou mal ministrados. O ouvinte amador tem muitas vezes demonstrado uma faculdade crítica e analítica bastante semelhante a muitos executantes profissionais. A arte de ouvir com “atividade de pensamento”, que é o objetivo dos cursos de apreciação, pode ser tão exigente e satisfatória quanto a performance. O treinamento em apreciação deveria começar na escola elementar, podendo continuar através de toda a vida¹.

Portanto, apesar das limitações de movimentos corporais dos alunos, devido ao quadro clínico e do próprio espaço físico dos hospitais, a prática da apreciação pode ser utilizada como um recurso na prática do ensino de música na maioria das situações clínicas. Como exemplo, pode-se citar os casos de oferta de ensino para às crianças que se encontram em leitos de hemodiálise, pois estas não podem se locomover, mas são aptas a escutar, cantar e participar da atividade de apreciação e, a depender de sua disposição, podem tocar instrumentos musicais que não exijam grandes esforços durante o tratamento.

Com base nesta discussão conceitual sobre apreciação musical, buscamos identificar práticas relacionadas a esta dimensão da educação musical, que são desenvolvidas no contexto das classes hospitalares de Salvador, como veremos a seguir.

¹ APEL, Willi. Harvard Dictionary of Music, 1982. p. 552.

Práticas de apreciação musical nas classes hospitalares e domiciliares da SMED/Salvador

Para a coleta dos dados empíricos, conforme referido, foram feitas entrevistas com dois docentes que atuam nas classes hospitalares e domiciliares de Salvador. De maneira geral, buscou-se saber de que forma as aulas são ministradas, focalizando em aspectos relacionados a atividades de apreciação musical desenvolvidas pelos profissionais sujeitos da pesquisa.

Ao se referirem ao *ensino de música nas classes hospitalares da SMED Salvador*, a professora A afirma que as aulas de música são estruturadas sempre com início, meio de fim, por causa da incerteza de que aquele mesmo aluno estará com este professor em outro momento e que a duração das aulas leva em média 30 minutos, variando de acordo com o quadro clínico do aluno; algumas vezes esse tempo de aula é definido pelo próprio aluno, podendo ser para mais ou para menos. Já o professor B, afirma que as suas aulas são estruturadas basicamente em três eixos que são: uma atividade de Interação/integração, uma atividade rítmica e uma atividade de apreciação musical. Vale salientar que a atuação dos docentes, em grande medida, ocorre em ambientes de atendimento à crianças e adolescentes em tratamento de câncer, doenças renais e cardíacas e em contextos de clínica médica, nos quais se tem maior diversidade de patologias.

O professor B afirma, ainda, que no caso dos leitos, as aulas são menores e que foca mais no conteúdo que vai abordar, levando poucos instrumentos que possam ser facilmente higienizados. Salienta que a atividade de apreciação musical acaba por ser adequada nesses espaços porque, às vezes, apenas cantar com um violão, mostrar uma música por meio de uma caixa de som ou fazer uma atividade escrita usando um instrumento de percussão, no caso um ganzá, por causa da facilidade de higienização, são possibilidades de práticas de ensino de músicas nestes espaços. Ambos os professores chamam a atenção para o cuidado que se deve ter com a higienização dos instrumentos. É relevante mencionar a necessidade de o professor priorizar o tratamento de saúde nesse ambiente. Nesse sentido, deve-se consultar a equipe técnica do hospital sobre as possibilidades de se realizar a intervenção, consultando também os prontuários, além de respeitar o regimento da instituição. O diálogo com a equipe da área de saúde se torna fundamental para a condução das aulas.

Além disso, o interesse do aluno e a sua aceitação para participar das atividades de ensino são fundamentais para o melhor aproveitamento e bem-estar do paciente.

Ao serem questionados sobre quais são as *práticas musicais mais comuns realizadas em seu trabalho*, os professores A e B apontam aquelas que envolvem execução de canções, de instrumentos, escuta e que é muito comum, na aula de ambos, a atividade de apreciação musical.

Quando questionados sobre a *forma como desenvolvem as atividades de apreciação musical nas classes hospitalares e domiciliares*, a professora A respondeu que pede aos alunos para escutarem uma música e leva algumas propostas para as aulas, aplicando-as de acordo com a faixa etária e o segmento dos alunos. Pede para identificar os sons ou elementos musicais presentes, instrumentos solista e vozes femininas e masculinas ou grupo. Já o professor B entende que cantar uma canção, utilizando o violão, como uma atividade de apreciação musical, pode mostrar ao aluno vários elementos musicais, como: timbre do instrumento, uma canção nova, letra da música e alguns elementos que são de ordem mais técnica. Os dois professores afirmam que utilizam gravações, com as quais os alunos podem observar os timbres dos instrumentos, fazer movimentos e imitarem aquele instrumento. Ainda sobre a utilização de gravações, a professora A acrescentou que durante a atividade com áudios gravados ela trabalha com os alunos sobre o material do qual é feito e a família do instrumento em questão.

Já o professor B afirma que utiliza guias de apreciação. Mas, faz a seguinte observação:

[...] Então, mostro uma música e com base naquela música desenvolvo um guia para eles completarem “qual o Timbre”... A música começa com solo de que? Qual o tipo de voz? Quais são os instrumentos que são tocados em determinados momentos? Então, os guias ajudam muito. Agora, é difícil fazer um guia de apreciação, porque você precisa pensar de fato em algumas estratégias que facilitem, para que os alunos respondam com base na música. Então, para cada música tem que pensar num guia bem específico (Professor B)

Ao responderem sobre *quais atividades de apreciação apresentam melhores resultados no ambiente hospitalar*, pelos alunos internados, a professora A afirma que são as que apresentam alguns desafios para eles, e citou o exemplo de atividades sobre intensidade, nas quais os alunos ouvem uma sequência de sons fortes e fracos e têm que

identificar, inclusive, a ordem que foram tocadas. A professora A afirma também que esse tipo de atividade cria expectativas para os alunos, e que eles gostam de ouvir para depois responderem.

Vale salientar que ambos concordam sobre a importância da atividade da apreciação musical. Segundo o professor B, a apreciação pode ser feita nos leitos, simplesmente, cantando e tocando instrumento porque, com o instrumento em mãos, tem-se a liberdade para o professor chegar em qualquer espaço e falar da música, do compositor, do estilo, o que torna a aula interessante porque eles estão vendo uma pessoa cantar naquele momento. O professor B também afirma que a possibilidade do uso de um aparelho de som torna a aula muito mais rica, considerando aspectos mais técnicos, por causa da diversidade dos arranjos da gravação, elementos estéticos que proporcionam riqueza a atividade.

Ao serem questionados sobre *a importância das práticas em apreciação musical com alunos pacientes atendidos nas classes hospitalares*, a professora A fez a seguinte afirmativa:

Eu entendo que são práticas que proporcionam vivências musicais, levando os alunos a experimentarem a música de forma bastante aproximada e, às vezes, até inovadora para eles. Por que assim inovadora? Porque as vezes eu trago a música que é do repertório deles, mas eles nunca pararam para observar de fato, aí quando eu começo perguntar: que instrumento está tocando? Quem vem depois? Tem algum instrumento solista, alguma voz masculina, feminina? Quando eles vão observando isso, as vezes eles até dizem assim: “pôxa, nunca tinha observado isso”! Então, é neste momento que se dá a transição da escuta para a apreciação. E, além disso, são atividades oportunas para aqueles alunos que estão com mobilidade limitada, quando eles estão nos leitos por exemplo.

Já o professor B afirma que a atividade de apreciação é de fundamental importância no ambiente hospitalar, porque ela entra como um elemento rico, pois consegue estabelecer uma troca entre o aluno e o professor a partir do momento em que ele ouve a música, mesmo com aqueles pacientes mais debilitados que não têm condições de tocar um instrumento, de cantar, se movimentar, de fazer alguma prática em educação musical. Torna-se importante também, segundo este professor, em situações que os alunos não querem se envolver com a proposta de aula em determinado dia e, muitas vezes, o fato de ouvir, torna-se um momento que permite possibilidades de diálogo e interação com o professor. O professor B afirma ainda que não é simplesmente ouvir uma música porque ela

é bonita, a apreciação vai além disso. É perceber a forma como ela é tocada, como a canção é interpretada, o que é usado no arranjo, conhecer sobre o compositor, dentre outros. São elementos que chamam a atenção do aluno e que ampliam o repertório. Para o professor B, a atividade de apreciação musical é um dos eixos centrais para pensar o ensino da música dentro nos hospitais.

Com base na descrição destes dados empíricos descritos a partir das entrevistas, pôde-se verificar que as práticas de apreciação musical estão presentes nas aulas dos docentes sujeitos da pesquisa. Vê-se nas falas dos entrevistados, que há um planejamento direcionado a esta dimensão da educação musical, a qual tem se tornado elemento importante para os processos de ensino e aprendizagem em música no contexto hospitalar e domiciliar, pois, muitas vezes, devido a limitação do quadro clínico, a apreciação em música se torna a única possibilidade de trabalho em determinadas situações com alunos hospitalizados. Além disso, verifica-se que em grande parte, as concepções de apreciação musical dos docentes entrevistados, coincidem com aquelas verificadas na literatura, que tratam esta dimensão da educação musical como o processo de escuta musical mais consciente, conforme salienta Bastião (2015) e França e Swanwick (2002).

Considerações Finais

O presente artigo teve por objetivo compreender as práticas de apreciação musical desenvolvidas por professores de música no contexto hospitalar e domiciliar da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Para realização deste estudo, foi feito uma pesquisa de campo, na qual se entrevistou dois professores de música que atuam nessa modalidade educacional. Além disso, foram observadas aulas de música destes dois profissionais, no intuito de compreender as suas práticas e articular com os dados coletados nas entrevistas à luz da literatura sobre este tema.

A literatura aponta a apreciação musical como uma importante dimensão da educação musical porque ela pode acontecer em qualquer ambiente onde se possa parar e escutar música. Além disso, trata-se de uma atividade importante para desenvolver o senso crítico em relação a sua escuta e ampliar e diversificar o repertório musical. Os dados empíricos demonstraram que os professores de música que atuam nas classes hospitalares

da rede municipal de ensino de Salvador compreendem a apreciação como uma atividade relevante e até mesmo determinante para a condução dos processos de ensino e aprendizagem em música nesse contexto educacional.

Referências

BASTIÃO, Zuraida. *Apreciação Musical Expressiva: Uma abordagem para a formação de professores de música da Educação básica*. Salvador: EDUFBA, 2015.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações*. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

CUNHA, Eudes; CARMO, Rosângela. Educação musical em ambiente hospitalar: uma experiência no município de Salvador. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, IX., 2010, Natal-RN. Políticas Públicas em Educação Musical: dimensões culturais, educacionais e formativas, 2010. v. 1. p. 01-07.

CUNHA, Eudes; CARMO, Rosângela. Educação musical em classes hospitalares: análise das representações sociais de profissionais dos hospitais. *Educação e Políticas em Debate.*, 4, n.1. Jan./jul. 2015, p. 101, 2015.

FONSECA, Eneida. Classe hospitalar e atendimento escolar domiciliar: direito de crianças e adolescentes doentes. *Educação e Políticas em Debate*, v. 4, n.1. Jan./jul. 2015.

FRANÇA, Cecília; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em pauta*. Porto Alegre: 2002, v.13, n. 21, p. 5/41.

OHARA, C. V. S.; BORBA, R. I. H.; CARNEIRO, I. A. Classe hospitalar: direito da criança ou dever da instituição? *Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.*, v. 8, n. 2, p. 91- 99, dez. 2008.

SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. London: Routledge, 1979.